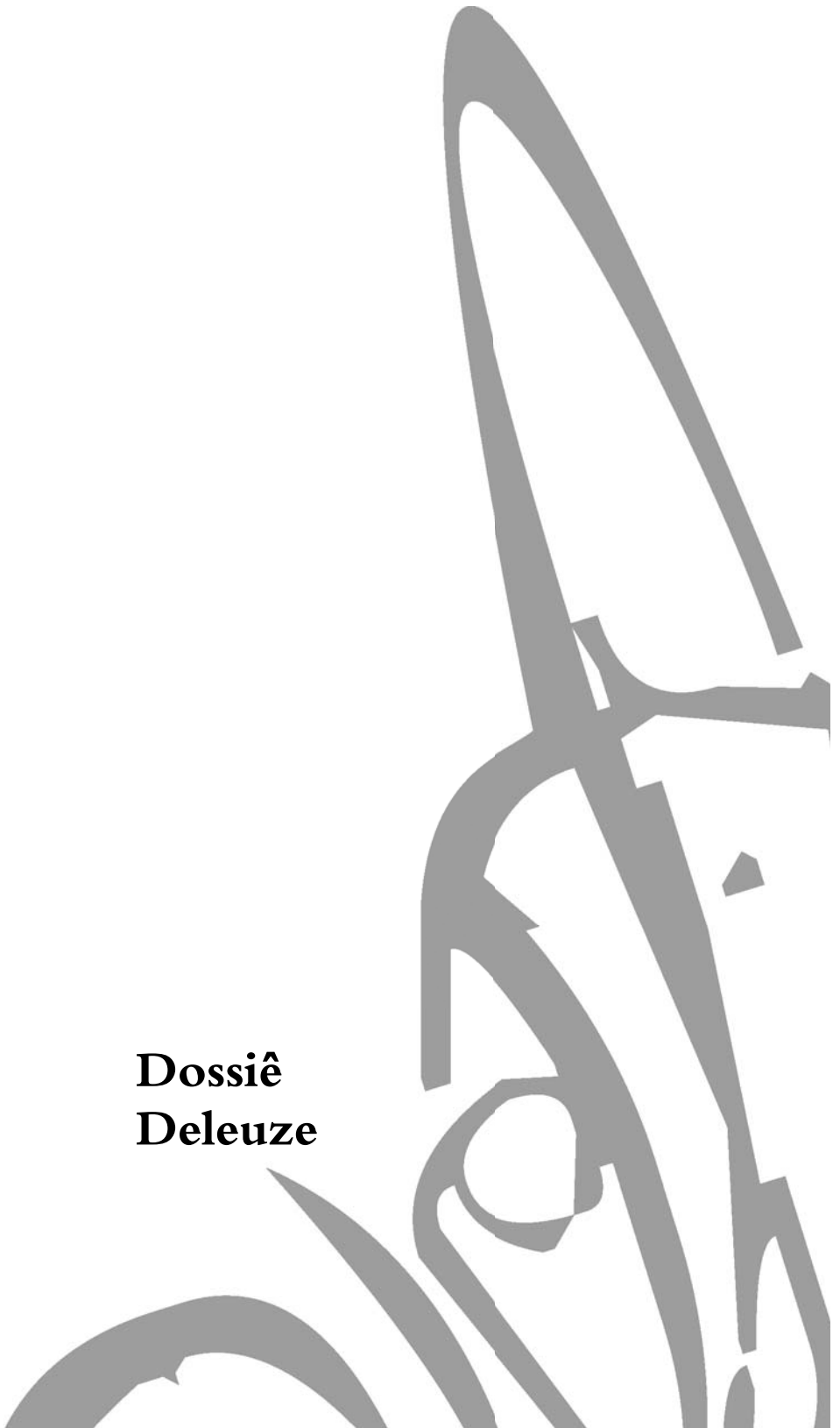


**Dossiê
Deleuze**





Apresentação

Cíntia Vieira da Silva*
Luiz B. L. Orlandi**

11

Artefilosofia, Ouro Preto, n. 8, p. 11-38, out. 2010

Os estudos deleuzeanos têm se detido cada vez mais na questão da relação entre o pensamento de Deleuze e as artes. Entre nós, Roberto Machado lançou recentemente *Deleuze, a arte e a filosofia*, traçando as coordenadas de um sistema aberto deleuzeano em torno da pergunta a respeito do que significa pensar. Tal pergunta suscita investigações em torno da criação artística, pois, ao lado da filosofia e das ciências, as artes constituem um modo do pensar, da criação de um novo pensamento. Na França, o livro de Anne Sauvagnargues, *Deleuze et l'art*, publicado em 2005, procura explorar a novidade dos conceitos utilizados por Deleuze para pensar a arte (corpo sem órgãos, máquinas desejanter, devir-animal, linhas de fuga), além de mostrar a inserção de tais conceitos nas outras temáticas trabalhadas por Deleuze. Outras iniciativas, como a de Jean-François Lyotard e de Mireille Buydens, têm procurado definir as condições segundo as quais seria possível falar em uma estética deleuzeana. O interesse de artistas pela obra de Deleuze, por outro lado, atesta que a aliança de Deleuze com as artes logrou estabelecer um percurso de estimulação recíproca: as várias artes deram a Deleuze o que pensar, provocaram aquele efeito desestabilizador que lhe pareceu ser o deflagrador de todo pensamento, ao mesmo tempo em que os conceitos deleuzeanos instigam os artistas, precisamente por não se colocarem como fundamento de qualquer forma de arte e nem mesmo como instrumental reflexivo. De parte a parte, o que ocorre é a reverberação da diferença, sua insistência e desdobramento em campos que, por serem distintos, não cessam de se interpelar.

Abrindo este dossiê, o texto de Eric Alliez procura dismantlar uma certa apropriação de conceitos deleuzeanos que visa pensar uma estética relacional. Tal termo seria apropriado para circunscrever o que se produziu nos anos 1990 em termos de artes cênico-visuais (instalações, performances, etc.). Alliez reivindica a radicalidade do projeto de Deleuze e Guattari, *Capitalismo e esquizofrenia* (título que abarca *O anti-Édipo* e *Mil platôs*), no sentido de fazer jus à diferença, contrapondo-se ao conformismo dos consensos adequados ao mercado.

Em seguida, dois textos que tratam do estilo em Deleuze. O artigo de Anne Sauvagnargues expõe o conceito deleuzeano de estilo com os elementos nocionais por ele colocados em jogo. Nessa exposição, Sauvagnargues acentua os aspectos que produzem a novidade de tal conceito, os quais convergem na direção de uma concepção do estilo como exercício de despersonalização, ligado a um modo de individuação que não pressupõe um *télos* na figura da pessoa. Annita Costa, por sua vez, mostra como a escrita deleuzeana é perpassada

* Professora Adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto.

** Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas.

por uma série de procedimentos estilísticos, considerando-os como parte intrínseca da produção conceitual deleuzeana, mais atraída pelo par matéria/força, do que pela oposição complementar entre forma e conteúdo.

Hélio Rebello equaciona o problema da aproximação entre filosofia e arte e da definição de seus domínios respectivos em termos da criação de multiplicidades. A autonomia dessas duas modalidades do pensar é assegurada na medida em cada uma concerne a um tipo de multiplicidade específica: conceito, no caso da filosofia, sensação, no caso da arte.

Os quatro artigos subsequentes tratam da relação dos conceitos deleuzeanos com um campo determinado da criação artística: música, literatura, cinema e teatro. Sílvio Ferraz explora os componentes musicais de certas investigações conceituais deleuzeanas, rastreando nelas a presença de alguns compositores contemporâneos. Alexandre Henz defende a presença de uma política do esgotamento em Beckett, acionada e conceituada por Deleuze. O esgotamento aí é visto como ultrapassamento do cansaço e da estagnação em direção à produção de imagens não representativas, procedimento no qual Deleuze produz o encontro entre a literatura e a dramaturgia de Beckett e a pintura de Bacon. Sandro Fornazari debruça-se também sobre o tema das imagens em Deleuze, contudo, no âmbito do cinema e na reincursão de Deleuze em temas bergsonianos que as noções de imagem-movimento, imagem-tempo e imagem-cristal implicam. Jorge Vasconcellos focaliza a noção de personagem conceitual para abordar o componente cênico ou dramático da filosofia deleuzeana.

Erika Inforsato transporta o conceito deleuzeano de dobra, sobretudo em sua operação de infinitização, para pensar e produzir encontros entre arte, filosofia e clínica, em conexão com a clínica barroca por ela tematizada. Seu artigo, ao lado daquele de Alliez, vem atender ao apelo deleuzeano pela utilização de seus conceitos em campos não explorados por ele, aceitando o convite aos procedimentos de colagem, enxerto e, até mesmo, roubo (mas um roubo a que se é convidado subverte as categorias da posse).

Concluindo o dossiê, o texto de Luiz Orlandi traça um percurso que parte de uma teoria deleuzeana do signo e do sentido e chega ao mapeamento de conceitos afeitos à prospecção da emergência do novo. Orlandi revisita as alianças de Deleuze com pontos de pensamento-em-arte, inserindo-as numa filosofia do intensivo e na teoria da individuação a ela correspondente.